

II Congresso Histórico Internacional

***AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE***

18 a 20 de outubro de 2017

**ATAS**

CIDADE INDUSTRIAL

2017

## **FICHA TÉCNICA**

### **Título**

II Congresso Histórico Internacional  
As Cidades na História: Sociedade

### **Volume**

III - Cidade Industrial

### **Edição**

Câmara Municipal de Guimarães

### **Coordenação técnica**

Antero Ferreira  
Alexandra Marques

### **Fotografia**

Paulo Pacheco

### **Design gráfico**

Maria Alexandre Neves

### **Tiragem**

200 exemplares

### **Data de saída**

Dezembro 2019

### **ISBN (Obra completa)**

978-989-8474-54-4

### **Depósito Legal**

364247/13

### **Execução gráfica**

Diário do Minho

# ÍNDICE

## CIDADE INDUSTRIAL

### CONFERÊNCIAS

pág. 7

La Industria en la Historia de las Ciudades Medias Españolas: Una Reflexión Espacial

*Gonzalo Andrés López*

pág. 29

Cidade Industrial

*Jorge Fernandes Alves*

### COMUNICAÇÕES

pág. 37

A fábrica de curtumes de José Maria Leite no Casal ou Quinta de Vila Verde (S. Sebastião e Urgezes, Guimarães): resultado de duas intervenções arqueológicas

*Andreia Silva*

pág. 65

A cidade a partir do edifício: narrativas urbano-edilícias na cartografia histórica de Belém (1886 a 1912)

*Celma Chaves, Rebeca Dias*

pág. 89

Cidade Industrial e o Mercado de Trabalho em pequenos Municípios no Brasil

*Denis Cereja dos Santos, Silvio Roberto Stefano, Edgar Gandra*

pág. 109

A Beira do Cais: Trabalho e Cotidianidade entre os Portuários de Rio Grande-RS e Lisboa-PT

*Edgar Ávila Gandra, Silvio Roberto Stefano*

pág. 113

O largo da Mumadona. História, desenho e evolução da sua importância na estrutura urbana de Guimarães

*Eduardo Fernandes*

pág. 135

Porto: a cidade industrial e o sistema portuário

*Elsa Pacheco, Jorge Fernandes Alves*

pág. 157

“Pela Creche!” As dinâmicas sociais em torno da proteção da prole infantil, na sede de concelho de Vila Nova de Gaia, na viragem para o século XX

*Eva Baptista*

pág. 187

A modernidade urbana em corpos adestrados: o futebol no ritmo (e nas contradições) da industrialização

*Gilmar Mascarenhas*

pág. 209

Vila Nova de Gaia, a “Southwark do Porto” nos primórdios da época industrial

*J. A. Gonçalves Guimarães*

pág. 241

Dinâmicas industriais corporativas e sociais em Guimarães: anos 50 e 70 do século XX

*José Mano Torres*

pág. 261

Do lugar à cidade da Trofa - Um século de industrialização

*José Pedro Maia Reis*

pág. 291

Caminhos da Modernidade: a Cidade de Belém-Pará-Brasil sob os Signos de um Tempo Acelerado

*Leticia Souto Pantoja*

pág. 323

O Centro Urbano de Vila Nova de Gaia em Finais de Oitocentos

*Licínio Santos, Maria de Fátima Teixeira*

pág. 351

Aveiro: a cidade e a indústria na primeira metade do séc. XX

*Manuel Ferreira Rodrigues*

pág. 375

Políticas higienistas e de saúde pública e o seu impacto na vida económica da cidade do Porto: 1930-60

*Maria da Luz Sampaio*

pág. 397

O impacto da indústria dos plásticos no desenvolvimento da cidade de Leiria

*Maria Elvira Callapez, Sara Marques da Cruz, Guilherme Francisco*

pág. 429

O Comércio e a Evolução Espacial das Áreas Centrais das Pequenas Cidades. O caso de Portalegre

*Miguel Castro*

pág. 459

Transformações Sociais e económicas na cidade da Guarda com a instalação da luz elétrica

*Paula Amaro, Décio R. Martins*

pág. 477

Indústria têxtil: expor Guimarães ao mundo desde o século XIX

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 507

Guimarães, cidade industrial? Entre a memória e o esquecimento

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 527

Consequências da Revolução Industrial na cidade de Guimarães

*Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos*

pág. 553

¿De ciudad fluctuante a ciudad estable? Transformaciones y continuidades en los comportamientos residenciales en Madrid durante el primer tercio del siglo xx

*Santiago de Miguel Salanova*

pág. 585

El Mercado Municipal de la Praça 1º de Maio de Évora: Pasado, presente y ¿futuro?

*Sheila Palomares Alarcón*

**A modernidade urbana em  
corpos adestrados:  
o futebol no ritmo  
(e nas contradições) da  
industrialização**

**Gilmar Mascarenhas**

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Geografia

Programa de Pós-Graduação em Geografia –PPGEO

[gil.mascarenhas@globocom](mailto:gil.mascarenhas@globocom)



## **Resumo**

”The urban modernity in trained bodies:the football in the rhythm (and contradictions) of industrialization”.

A industrialização no Brasil favoreceu o advento e a popularização do futebol, uma vez que este esporte foi compreendido pela burguesia industrial como mais um fator de modernização da sociedade, da disciplina e da consciência do trabalho em equipe. É possível verificar como novas dinâmicas sociais urbanas, suscitadas pela industrialização, promoveram profunda transformação na cidade tradicional, herdeira do passado colonial, dinamizando o uso esportivo dos espaços públicos e engendrando novos padrões comportamentais. Particular atenção dedicaremos ao operariado, que através das formas de apropriação do futebol refletiu sobre o sentido de sua existência coletiva e de seu destino-papel enquanto classe social, resistindo e definindo sua inserção na (re)produção da cidade. Diversas empresas do setor industrial investiram efetivamente na formação de clubes e estádios de futebol. Não há como dissociar a popularização do futebol com a dinâmica do mundo fabril. Indústria e modernidade formam um novo contexto urbano, com valores e possibilidades que afetam a dimensão da corporeidade, e nela os esportes em geral.





## Introdução

Observando a configuração espacial do futebol em seu país no final do século XIX, Eric Hobsbawm (1987:285) constatou que “o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra industrial”. Não se trata de mera coincidência: futebol moderno e indústria guardam estreita relação entre si. Tomando, a partir das contribuições da história social inglesa, o universo da fábrica como fator de imposição da racionalidade capitalista, podemos reencontrá-la em diversos aspectos do futebol. Os jogadores devem reduzir sua autonomia criativa para, em nome do coletivo, obedecer estritamente às instruções do treinador (ter “disciplina tática”) e incorporar o uso racional do tempo cronometrado (ao contrário de outras modalidades esportivas que não limitam a duração das partidas), acelerando suas ações, elementos essenciais para o adestramento humano e bom funcionamento das fábricas.

Talvez toda essa “pedagogia fabril” se manifeste mais concretamente no fato de inúmeros clubes terem surgido, desde o início da história do futebol moderno, por iniciativa da gerência industrial: os chamados “times de fábrica”. Operários em disputa com outros operários, desviando o foco do confronto de classes, pois o trabalhador, ao vestir a camisola da empresa para jogar futebol estaria, muito mais que fazer propaganda da mesma, assumi-la como “sua” instituição. Um grau inequívoco de pertencimento identitário que produziu, no seio do operariado, debates acalorados e um claro movimento anti-desportista, acusando o futebol de ópio do povo (produtor de alienação), vetor imperialista (pois “importado”) e prática burguesa (pois fundado na competição e na exibição).

Todavia, as resistências no interior do movimento operário foram gradativamente superadas. Determinadas correntes anarco-sindicalistas foram reconhecendo que não haveria como evitar o futebol, pela sua crescente popularidade. Algo que Eric Hobsbawm (1991:262) classificou como uma espécie de “religião leiga da classe operária”, o tópico principal na conversa social de bar, uma “língua franca” para todos os operários. O autor

sustenta ainda que o futebol se aproveitou do vácuo deixado pelas esferas comunitárias (a aldeia, a família, o bairro, a paróquia) em desagregação na cidade industrial moderna (HOBSBAWM, 1991:170). São enfim as novas condições da vida urbana a demandar a invenção de novas tradições e a nelas incorporar (enquadrar) uma nascente classe operária. Na cidade industrial, o futebol contribuiu no processo de territorialização de imensas parcelas desenraizadas de imigrantes oriundos da zona rural. Foi a primeira grande festa do povo, fora da perspectiva da Igreja, enriquecendo a sociabilidade de bairro, diria Seabra (1986:14).

O objetivo deste trabalho é verificar como novas dinâmicas sociais urbanas (como o advento e a popularização do futebol), suscitadas pela industrialização, promoveram profunda transformação na cidade tradicional, herdeira do passado colonial, dinamizando o uso dos espaços públicos e engendrando novos padrões comportamentais. Particular atenção dedicaremos ao operariado, que através das formas de apropriação deste esporte refletiu sobre o sentido de sua existência coletiva e de seu destino-papel enquanto classe social, resistindo e definindo sua inserção na (re)produção da cidade.

Diversas empresas do setor industrial investiram efetivamente na formação de clubes e estádios de futebol. Não há como dissociar a popularização do futebol com a dinâmica do mundo fabril. Indústria e modernidade formam um novo contexto urbano, com valores e possibilidades que afetam a dimensão da corporeidade, e nela os horizontes da “esportivização”<sup>1</sup>.

Tentaremos argumentar que o advento do futebol se insere num processo mais amplo de adesão as atividades atléticas e esportivização da sociedade brasileira no contexto de transição para a República. Este processo, por sua vez, enfrentou dificuldades em face do supracitado legado colonial que desvalorizava radicalmente o esforço muscular como condenação servil, mas contou positivamente com o imaginário “progressista” veiculado pela burguesia industrial. O advento paulatino de uma nova cultura do corpo, que redefine e enobrece a intensa atividade física e estetiza o corpo atlético, progressivamente instaurou um novo quadro de usos do espaço urbano, refuncionalizando praias e parques, e criando novos espaços (estádios, pistas, ginásios). Todo esse processo contou com a contribuição do setor elétrico em formação, agente promotor e ao mesmo tempo beneficiário do ideário “civilizador”, seja através do incentivo direto à prática organizada do esporte, seja pela associação deste com uma nova atitude social e corporal, mais dinâmica e laboriosa, mais atual e progressista, mais “elétrica”, mais condizente com a velocidade, a da vida urbana e sobretudo a dos novos circuitos de acumulação.

---

<sup>1</sup> Termo cunhado pelo sociólogo alemão Norbert Elias, para designar o processo de institucionalização de práticas lúdicas, transformadas em “esportes” ao serem normatizadas e confinadas em regras e espacialidades específicas, no bojo do processo civilizador mais amplo. Cf. Elias & Dunning, 1985.

Ainda que citando exemplos extraídos de diversas cidades brasileiras, o presente artigo concentra o foco em São Paulo e Rio de Janeiro, onde os processos aqui analisados adquiriram magnitude extraordinária. Traz sobretudo reflexões e pesquisas acumuladas desde o doutoramento defendido na USP, sobre a adoção do futebol no Brasil, os agentes difusores e o enredo de cada lugar.

O texto se divide em duas partes. Na primeira, no sentido de melhor aquilatar o impacto posterior da indústria na vida urbana, nos reportamos à cidade colonial brasileira, suas características e seu escasso dinamismo. Enfatizaremos a relação da sociedade com os espaços públicos, sua atitude sedentária, a dificultar a adesão a práticas corporais lúdicas como os esportes. Na segunda parte, nos dedicamos aos agentes concretos, a criação de clubes, a formação da cultura operária, e a dimensão simbólica do discurso “moderno” a convocar a sociedade a romper com o sedentarismo herdado do passado colonial.

### **1. O Brasil urbano pré-industrial: legado colonial e corporeidades**

Um indivíduo que tivesse nascido por volta de 1830, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, e alcançado os 80 anos de idade, teria diante de si cenários urbanos completamente distintos daquele de sua juventude. A começar pelo porte demográfico<sup>2</sup> e pela extensão física dessas duas cidades, ambos multiplicados de forma absolutamente inédita no período. O grau de mobilidade urbana também fora profundamente alterado: dos percursos predominantes a pé, a cavalo ou em lentos veículos de tração animal, passamos aos trilhos, e mais tarde à eletrificação destes, sem falar no advento do transporte motorizado. A circulação intraurbana foi igualmente ampliada pela movimentação relacionada ao dinamismo das fábricas. Da precária, manual e irregular iluminação pública com escassos lampiões a gás, à eletrificação do sistema. Da cidade colonial, escura e acanhada, passamos, no curso de uma existência humana, à cidade moderna, iluminada e feérica.

O século XIX, sobretudo em sua segunda metade, assinala a aceleração das mudanças e com elas o processo de transição da cidade colonial para a cidade moderna no Brasil. Atestamos, porém, que tal modernização foi mais rápida no plano material, do espaço construído, tanto pela voracidade do grande capital quanto pela complacência (e interesses) de nossos governos e elites, de portas abertas às novas tecnologias e aos grandes empreendimentos, conforme demonstrou Seabra (1986) em seu estudo seminal sobre o poder e imenso impacto da Light em São Paulo. No plano das sociabilidades e do chamado processo civilizador, permanecemos por mais tempo atrelados ao passado colonial, conservador, patriarcal, nobiliárquico, longe da universalização dos direitos civis e da escolarização que caracterizam a “modernidade”.

<sup>2</sup> O Rio de Janeiro abrigava 137 mil habitantes em 1838, e mais de um milhão em 1910. Em São Paulo, o salto demográfico foi ainda mais expressivo.

A noção de modernidade urbana aqui tomada (e conseqüentemente a de *cidade moderna*) vai ao encontro das reflexões de Marshall Berman (1987), que as desenvolve no sentido da concepção marxista de *moderna sociedade burguesa*. Um quadro alarmante composto por extremos contrastes materiais de condições de vida, envolvendo a experiência inédita das multidões, compondo um ambiente propiciador de imensas possibilidades. A modernização, por sua vez, poderia ser concebida como a particular via burguesa de lidar com esta modernidade, *resolvendo* suas profundas contradições com drásticas reformas urbanas e investimento em melhoramentos técnicos, conforme nos aponta Barbosa (1990:48-9), baseado em Marshall Berman e Lefebvre. Tal modernização não se detém no propalado aspecto urbanístico técnico-material, mas incorpora e realça uma face de dominação, através da explícita segregação sócioespacial e de estratégias de severo controle disciplinar no trabalho e no tempo livre (MASCARENHAS, 2003). Tais estratégias de controle social das classes trabalhadoras atingiu as vilas operárias e espaços públicos, como atestam diversos trabalhos, dos quais gostaríamos de destacar as contribuições de Rago (1985) e Chalhoub (1986).

Tendo em vista o estudo das condições do advento do futebol neste contexto histórico de modernização, cumpre primeiramente inferir sobre as possibilidades concretas de acesso às práticas esportivas naquele contexto. O que significa analisar não apenas a disponibilidade de espaços e a provisão de equipamentos específicos (dimensão na qual o setor fabril agiu efetivamente), mas o acesso às informações e sobretudo o grau de aceitação social do esporte, essa nova forma associativa, de lazer e de uso do corpo, que vem chegando da Europa como modismo e fator de civilização.

Foram aceleradas as mudanças no meio técnico - científico, mas no plano sócio-cultural e das condições de exercício da cidadania, a evolução rumo à modernidade permanecia lenta (SANTOS, 1993). Continuávamos como uma sociedade de maioria analfabeta, e recém-egressa do sistema escravista, este ainda com pesada herança em nossas estruturas, hierarquias e mentalidades. A escravidão, enquanto traço marcante da sociedade brasileira, e que vivenciou profunda experiência urbana no século XIX, deixou em nossas cidades o sentimento de desprezo pela via pública, espaço de circulação dos negros de ganho e não por acaso bastante abandonado pelo poder público, em termos de calçamento e limpeza. Este sistema duradouro de servidão involuntária também deixou impregnado em nossas mentalidades o desprezo pelo trabalho muscular (MASCARENHAS, 1999).

Em suma, o sedentarismo e o recolhimento aos aposentos sendo confundidos com *status* de nobreza. A casa senhorial, espaço da ordem e moralidade, de portas fechadas e gelosias, como refúgio da rua, e oposição a esta, tomada como suja, pestilenta, onde trafegam animais e negros. Também as praias e baldios se agregam ao conjunto de espaços repelentes à alta sociedade. Os banhos de mar para fins lúdicos (e não estritamente

terapêuticos, sob ordem médica) somente se difundirão no Brasil a partir do final do século XIX (MASCARENHAS, 1999).

No urbano colonial brasileiro a disponibilidade de espaços abertos para as manifestações coletivas era muito pequena. Ademais, muitos destes espaços estavam associados diretamente à Igreja e seu consistente aparato de vigilância, sendo o adro “o único largo generoso ou capaz, ainda que modesto, de abrigar todos do lugar e das redondezas”, segundo afirma Murilo Marx (1991:54). A vigilância cotidiana também se realizava através do forte controle do poder estatal: somente a presença ameaçadora do pelourinho, instituição medieval portuguesa que dotava o espaço circundante de silêncio e terror, poderia elevar um povoado brasileiro à condição de vila ou cidade. Abreu (1998:155) nos alerta para o fato de que, “na verdade, o Estado Português se insinuava por todas as dimensões da vida urbana, e muito especialmente nas cidades reais”. Trata-se de um mundo de pouca flexibilidade no domínio da “economia de gestos”, para utilizar a expressão criativa e muito apropriada de Margareth Rago (1987). Nas palavras de Sílvio Zancheti (1987:13):

*Não se vivia, definitivamente, dentro dos perímetros urbanos, com exceção dos administradores da Coroa ou dos artesãos (...) muitos viajantes estrangeiros, que cruzaram o interior do país (foram levados) a interpretar as cidades brasileiras como simples pontos de reunião dominical dos latifundiários da área.*

A literatura é farta em depoimento de viajantes europeus que vêem o Rio de Janeiro da época como cidade monótona e sem diversões ou reuniões sociais. Richard Graham (1973:127) salienta as impressões de um viajante que, em 1865, notara a inexistência de esportes praticados ao ar livre, algo tão difundido na Inglaterra vitoriana. Segundo o próprio Graham, preocupado em detectar e dimensionar a forte influência inglesa no Brasil,

*Antes de 1880 ou 1890, um jovem de boa família não dava nenhuma atenção aos esportes e exercícios físicos, tendendo muito mais para a poesia e política ou aventuras amorosas com atrizes de companhias visitantes”.*

Gilberto Freyre, em seu clássico *Sobrados e Mocambos* (1951:171-2), faz referência a esta aversão da sociedade patriarcal brasileira aos exercícios físicos, recorrendo às palavras reprovadoras do médico Lima Santos:

*“...metidos em casa, e sentados a mor parte do tempo, entregues auma vida inteiramente sedentária, não tardam que não caiam em um estado de preguiça*

*mortal (...) sahir à rua o menos possível, ser visto o menos possível, e se confundir o menos possível com essa parte da população que chamam de povo e que tanto abominam”.*

As novidades européias foram chegando e, não sem tensões e polêmicas, sendo acolhidas no contexto da modernidade que ia se instaurando. A forma urbana colonial, conforme já registramos aqui, não estava preparada para abrigar o amplo leque de novos eventos sociais no bojo da súbita epidemia de febre esportiva e seu forte apelo ao espetáculo, característicos da modernidade. Neste sentido, Sevcenko (1994:83) atesta que

*Como tudo aquilo era uma absoluta novidade na cidade, não havia locais ou pistas especiais construídas especificamente para a prática e o divertimento com o esporte. Assim, tudo era feito nas ruas e em outras áreas públicas, sobretudo no centro da cidade (...) a Avenida Paulista, com toda a sua centralidade, imponência, visibilidade e conotações heróicas, era obrigatória quando o assunto eram corridas, qualquer que fosse o tipo.*

Em outras palavras, a abertura de amplos espaços públicos e sobretudo a mudança simbólica e de uso, via dessacralização destes espaços, configuram um novo contexto no qual se insere aqui a adesão geral à prática esportiva. De uma cidade colonial, alheia aos esportes e marcada por fortes restrições de uso dos já escassos espaços públicos, passamos a uma “outra” cidade, onde fervilha a prática esportiva e os espaços públicos, novos ou ampliados, são socialmente preenchidos de forma bem mais intensa. O que não significa, entretanto, uma vida urbana menos controlada ou previsível.

Qualquer generalização é por demais perigosa, considerando a vastidão e diversidade do território brasileiro, mas podemos sugerir que o remo e o turfe, de alguma forma, se destacam como os primeiros esportes a conquistar maior efetividade em nossa vida urbana, ambos a partir da segunda metade do século XIX. Diversas cidades terão suas pistas de corridas de cavalo. O remo, por sua vez, ganhará expressão em cidades costeiras, mas também em São Paulo, navegando pelo Rio Tietê. O ciclismo, que já se difundira na Europa a ponto de ser considerado o primeiro esporte de massa na escala continental (HOBSBAWM & RANGER, 1984:188-9), gozou também de enorme popularidade no Brasil, no final do século passado. Os fabricantes de bicicleta na Europa conseguiram alçá-la à condição de um dos símbolos máximos da liberdade individual, baseados em sua grande mobilidade. Também investiram na promoção de corridas, para fins de publicidade, edificando no Rio de Janeiro do final do século XIX o Velódromo Nacional.

O futebol, evidentemente, se insere nesta onda de adesão a uma vida supostamente atlética e sã. Este esporte aporta no Brasil no final do século XIX (assim como o basquetebol, o tênis e a natação) e já encontra nas grandes cidades uma cultura esportiva relativamente disseminada. Neste sentido, importante notar que muitos clubes de futebol se originaram de clubes preexistentes, sejam estes de regatas (C.R. Flamengo, C.R. Vasco da Gama no Rio de Janeiro; o Clube do Remo, em Belém; o Clube Náutico Capibaribe, no Recife), ou de ciclismo e corridas a pé (América FC no Rio de Janeiro). Em São Paulo, o São Paulo Athletic Club foi criado em 1888 por ingleses, para a prática do críquete, e sete anos mais tarde adotou o futebol, realizando a mais antiga partida que se tem registro no Brasil, contra outra agremiação inglesa, *The Gaz Company*<sup>3</sup>. Na capital baiana, o atual Esporte Clube Vitória, se originou do Club de Cricket Victoria, criado em 1899.

Qual foi o papel da indústria nesse processo de esportivização da sociedade brasileira no final do século XIX? Como tais processos foram absorvidos e retrabalhados no universo da classe operária? Acreditamos que o processo de eletrificação do território e todo o surto industrial a ele relacionado contribuíram para a adoção e popularização do futebol, conforme trataremos no próximo segmento.

## 2. Futebol e cultura operária: o mundo fabril

Para inferir sobre as condições de apropriação do futebol pelos indivíduos da classe operária é preciso antes reconhecer alguns elementos fundamentais da formação histórica deste segmento social que emerge no cenário urbano brasileiro na virada do século XX. A industrialização produziu uma nova classe social, atraindo novos habitantes, provenientes do interior e, sobretudo, de países europeus como a Itália e Espanha. Em tais países, no final do século XIX, o futebol era ainda notoriamente uma prática elitista, alheia aos círculos operários. Estes, ao contrário, e em função do peso de ideologias anarquistas e comunistas, pregavam a negação deste esporte “imperialista”, e propunham outras formas de associação para o uso do tempo livre, como as bibliotecas e debates políticos (MASCARENHAS, 2014). Veremos mais adiante como, num primeiro momento, se chocaram os interesses empresariais com as ideologias presentes na classe operária em formação.

Este mesmo contexto urbano de formação da classe operária foi favorável ao movimento de adesão às práticas esportivas. De um modo geral, a adesão maciça aos esportes responde a um conjunto geral de profundas transformações na vida urbana, relacionadas ao advento da eletricidade e da industrialização. Nicolau Sevchenko (1993:87), ao tratar

<sup>3</sup> Segundo Mazzoni (1968), a primeira partida de futebol realizada no Brasil dentro das regras oficialmente estabelecidas na Inglaterra em 1863, ocorreu na Várzea do Carmo, entre estas “equipes inglesas”, em 14 de abril de 1895.



o caso paulistano, expõe o “pano de fundo” deste fenômeno, uma cidade em acelerado crescimento e caracterizada pela diversidade étnico-cultural:

*Pressionada pela pobreza extrema, essa população de destituídos havia perdido seus laços familiares comunitários e territoriais. Dentro do novo ambiente, esses homens eram estranhos uns aos outros, mal falavam uma linguagem comum, assim como eram estranhos à vida urbana moderna, precisando, portanto, desesperadamente de uma nova identidade e de novas bases de solidariedade. As autoridades aprenderam como explorar essa vulnerabilidade cultural e essa necessidade espiritual, fornecendo-lhes uma nova mitologia...*

Cumprir frisar que não apenas as autoridades, mas sobretudo a classe empresarial estava preocupada com o intenso movimento sindical do período e por isso interessada em novos meios de controle das camadas populares. Não foi difícil visualizar no futebol os elementos ou ingredientes de uma eficiente “pedagogia da fábrica”: trabalho em equipe, obediência às regras, especialização nas tarefas, submissão ao cronômetro etc. Ademais, a formação de equipes corporativas, sobretudo os chamados “times de fábrica”, significa fazer o operário vestir a camisa da empresa, e disputar campeonatos com outros operários de outras fábricas, direcionando assim o conflito essencial de classes para confrontos no seio da própria classe trabalhadora, ou entre bairros populares. Um desvio de foco bastante interessante para a reprodução social da cidade dentro dos interesses capitalistas. Foi assim que as empresas do setor elétrico ingressaram no circuito do futebol tão logo se estabeleceram.

Havia também o incentivo a assistir espetáculos esportivos, promovido tanto pelas agremiações esportivas quanto por grupos empresariais do ramo do entretenimento. A ritualização (e mercantilização) do esporte, transvertido em espetáculo esportivo, é ingrediente da modernidade urbana. Nesse sentido, a partir de 1880, o futebol inglês e o baseball nos EUA cumprem papel de oferecer diversão de massa aos trabalhadores, na forma de gigantescos estádios. Em 1888, uma multidão compareceu ao duelo de baseball entre as equipes de New York e Pittsburgh, e muitos tiveram de ficar do lado de fora, outros tantos amontoados à beira do campo, contornando-o como uma cerca humana. Segundo Barth (1980:148), aquela multidão vibrante “*experienced in the ball park the quintessence of urban leisure: watching others do things*”. Para o autor, um estudioso da cultura urbana que emerge nas grandes cidades do século XIX, a formação de grandes platéias é um dado que transcende o universo específico dos esportes.

Examinando exclusivamente o futebol, podemos detectar em sua configuração vários aspectos que o aproximam daquele nascente mundo fabril. Primeiramente, o trabalho

em equipe que, a grosso modo, diferencia a fábrica moderna da velha produção artesanal. Outra característica, resultante da ação articulada coletivamente, é a especialização individual. Um jogador de futebol assume determinadas funções relacionadas à sua posição no time e no campo de jogo, e deve nela se especializar, tal qual o operário numa linha de montagem<sup>4</sup>.

A propósito, observando as premissas do taylorismo (os princípios de “administração científica” de F.W. Taylor, para suprimir qualquer gesto inútil e otimizar a produção industrial), o sociólogo João Boaventura (s/d), em artigo sugestivo, aponta quatro elementos do taylorismo presentes no futebol: a ênfase na velocidade, na especialização de poucas mas decisivas habilidades, na cronometragem e no trabalho em equipe<sup>5</sup>.

Eric Hobsbawm nos ajuda quando constata que “o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra industrial” (1987:285). Tomando, a partir das contribuições da nova história social inglesa, o universo da fábrica como pedagogia autoritária da valorização racional do tempo, podemos reencontrá-lo em diversos aspectos do futebol. Os jogadores devem obedecer estritamente às instruções do treinador (ter “disciplina tática”), sob pena de perder a vaga na equipe, pois trata-se de um empregado empenhado em produzir ao máximo e em respeitar a hierarquia dentro do clube, para manter seu provisório posto de trabalho, por muitos disputado. Sobre o uso racional do tempo, a velocidade é fundamental para superar o adversário e por um instante abrir valiosos “espaços” num campo ocupado estrategicamente por 22 atletas de alta mobilidade. Ainda o fator tempo se revela importante quando se sabe que, numa partida de futebol, ao contrário do basquete ou do futebol americano, os cronômetros funcionam sem interrupção, não se submetendo ao andamento do jogo. A duração de uma peleja não depende de contagem de pontos (como no voleibol, beisebol ou tênis), mas exclusivamente do frio e implacável cronômetro, tal qual na fábrica<sup>6</sup>. Talvez toda essa “pedagogia fabril” se manifeste mais concretamente no fato de inúmeros clubes terem surgido, desde o início da história do futebol, por iniciativa da gerência industrial.

<sup>4</sup> Cada uma das onze posições numa equipe de futebol pressupõe, para ser bem desempenhada, um conjunto específico de habilidades e atributos. Neste sentido, um goleiro deve possuir elevada estatura, elasticidade, reflexo e concentração; um defensor (zagueiro) deve possuir força física, estatura, capacidade de prever e se antecipar às jogadas do ataque adversário e sobretudo bom senso de colocação no campo; um lateral-direito não pode obviamente ser canhoto (um lateral-esquerdo o deve), necessita vigor físico (para auxiliar o ataque) e mais habilidade que o zagueiro (a quem cabe basicamente “destruir” as investidas do adversário) para avançar com frequência e fazer “cruzamentos”, e a estatura não compromete seu desempenho; um jogador de meio-campo, que também prescinde da estatura, deve possuir boa visão de jogo, espírito de liderança, saber conduzir a bola e possuir excelente “passe”, para armar com inteligência e precisão as jogadas de ataque, (pois atua na chamada “zona de raciocínio”); por fim, um atacante deve reunir velocidade, boa pontaria, estatura e força física (para disputar com os defensores adversários as “bolas aéreas”) e sobretudo frieza e capacidade de resolução, pois, ao contrário do meio-campista, deve definir a jogada em fração de segundos. Defensores e atacantes devem “resolver” as situações rapidamente, mediante a escassez de tempo e espaço, ao contrário dos jogadores de meio-campo.

<sup>5</sup> O autor salienta que Taylor tinha 29 anos quando o futebol inglês foi profissionalizado em 1885. Curiosamente, compara ainda o estádio à fábrica, o clube à gerência fabril e os operários aos jogadores, sendo os gols seus produtos e os espectadores os consumidores. (:9).

<sup>6</sup> Segundo Juan Villoro (1998:59), no futebol “el tiempo conserva su insistente capacidad de menguar el destino (...) ni siquiera un decepcionante 0x0 garantiza una prórroga”.

Havia, portanto, muitas razões para que o empresariado fabril se interessasse pela criação de “times de fábrica”. Ademais, nos campeonatos ou jogos avulsos, estavam colocando operários em disputa com outros operários, desviando o foco do confronto de classes. O trabalhador vestindo a camisa da empresa para jogar futebol significaria, muito mais que fazer propaganda da mesma, assumi-la como “sua” instituição, um grau inequívoco de pertencimento.

Pouco a pouco as resistências do movimento operário foram sendo superadas. Determinadas correntes do debate anarco-sindicalista foram reconhecendo que não haveria como evitar o futebol, pela sua crescente popularidade, passando tal esporte a compor a programação cultural associada à militância (ANTUNES, 1994, p. 108). Algo que Eric Hobsbawm (1991:262) classificou como uma espécie de “religião leiga da classe operária”, o tópico principal na conversa social de bar, uma “língua franca” para todos os operários. O autor sustenta ainda que o futebol se aproveitou do vácuo deixado pelas esferas comunitárias (a aldeia, a família, o bairro, a paróquia) em desagregação na cidade moderna (HOBSBAWM, 1991:170). São enfim as novas condições da vida urbana, a demandar novas tradições e a incorporar uma nascente classe operária, que contribuem para a popularização do futebol.

**Ilustração 1. Festival operário de 1919: futebol e militância libertária.**



Fonte: O Malho, 21 de junho de 1919 apud Pereira, 2000, p. 274.

Em todas as cidades brasileiras que vivenciaram com maior intensidade o processo de industrialização, foram formados “clubes de fábrica”. Pelotas (RS), que no início do século XX se autodenominava a “Manchester do Sul” por seu destacado parque industrial, foi

pródiga na popularização do futebol (MASCARENHAS, 2001). Em 1911 foi criado nesta cidade o Grêmio Sportivo Brasil, fundado por funcionários e operários da Cervejaria Haertel (ALVES, 1984:28), indústria de propriedade alemã. Em 1919, foi disputado pela primeira vez o campeonato gaúcho de futebol, conquistado facilmente pelo G.S. Brasil de Pelotas, ao golear (5 a 1) o Grêmio (campeão porto-alegrense) em plena capital. Poucos anos depois, um clube do subúrbio carioca (o C.R. Vasco da Gama) repetiu a estratégia, e sob os auspícios da rica colônia portuguesa forjou uma vitoriosa equipe de negros e brancos pobres para alcançar a liga principal e a seguir tornar-se campeão carioca em 1923. Tal façanha, que a literatura consagrou como “Revolução Vascaína” não possui, portanto, o caráter pioneiro que a crônica esportiva lhe atribui quase em uníssono<sup>7</sup>.

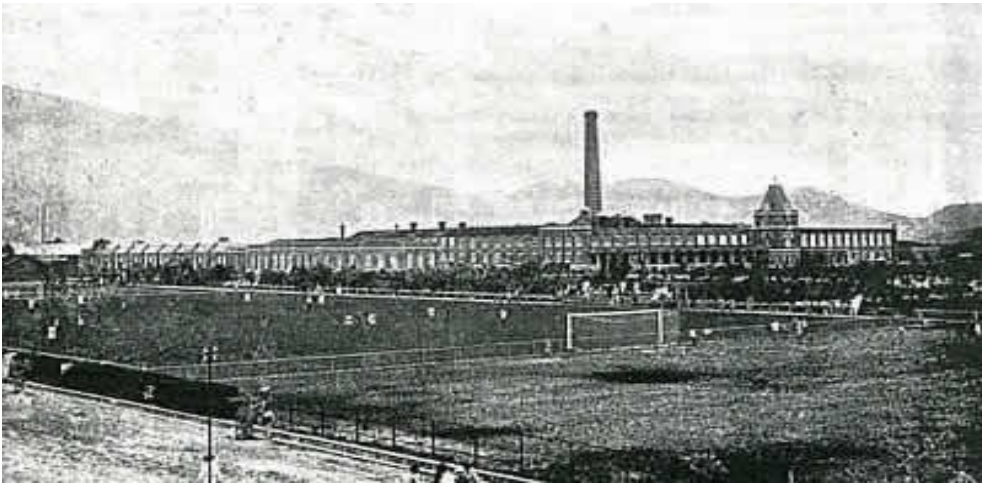
Diversos autores já realçaram o papel do futebol na formação e submissão da classe operária, como eficaz dispositivo no sentido de imbuir o trabalhador de senso de coletividade, de especialização, disciplina, hierarquia, competitividade e valorização do tempo. O futebol efetivamente participa da reprodução social da cidade e mantém com a industrialização (em sentido amplo) nexos incontestáveis<sup>8</sup>.

Pelas razões supracitadas, é notável a participação do setor industrial na popularização do futebol no Brasil. No Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que se formavam os primeiros clubes de rapazes da elite na Zona Sul (Fluminense, Paysandu, Botafogo), o “futebol de fábrica” também se estruturava. No distante subúrbio de Bangu, localizava-se a Companhia Progresso Industrial, do setor têxtil (FERREIRA, 2005). Nela foi fundado o Bangu Athletic Club, em 1904. Um pouco antes, em 1902, em Sorocaba, a fábrica de tecidos Votorantin criava o Votorantin Athletic Club (ANTUNES, 1994).

<sup>7</sup> A contribuição capital de Leonardo Pereira (2000) permite constatar que era prática comum em clubes suburbanos cariocas a aceitação de atletas negros e pobres, e que muitos desses clubes formaram equipes fortes a ameaçar a hegemonia dos clubes de elite. O mérito do Vasco da Gama foi ter reunido interesses econômicos, repetindo, portanto com eficácia o modelo do GS Brasil de Pelotas. O insustentável discurso da “democratização” do futebol por estas vias (pois os brancos e ricos permanecem na direção destes clubes tidos como “revolucionários”) é questionado com pertinência por Proni (2000: 115-121) e Damo (1998:105), que consideram a inclusão de negros e pobres como uma “democratização funcional” que apenas redefine o racismo e atende aos interesses hegemônicos. O mito do pioneirismo vascaíno no contexto nacional, no tocante à aceitação de negros e pobres, nasce na obra clássica de Mário Filho (magnífico romance épico - inspirado na “democracia racial” de Gilberto Freyre - dedicado ao futebol carioca e sem pretensões de fonte documental).

<sup>8</sup> Certamente, não apenas a presença ostensiva da fábrica no mundo do trabalho justifica a popularização do futebol naquele contexto histórico. Hobsbawm (1989:58) adverte que a segunda metade do século XIX foi extremamente rica em inovações na cultura popular inglesa, e o autor inclui o futebol no leque de novas possibilidades de “entretenimento profissional” para o pobre trabalhador urbano. Em outra obra (1987:288), o historiador inglês afirma que o hábito de torcer pelo clube de sua cidade (uma necessidade de novos vínculos identitários, em cidades com elevados índices de desenraizada população imigrante) propiciou a emergência de uma sólida “cultura masculina do futebol”.

**Ilustração 2: campo de jogo do Bangu Athletic Club, com a fábrica ao fundo (início sec. XX).**



Fonte: WWW.Banguac.com.br (acessado em 15 de janeiro de 2013)

202

Clubes corporativos de trabalhadores já haviam se disseminado no eixo Buenos Aires-Montevideu, onde a popularização do futebol antecede a experiência brasileira (MASCARENHAS, 2001). Um dos mais famosos clubes sul-americanos, o Peñarol de Montevideu, surgiu em 1890 como agremiação de trabalhadores da companhia ferroviária uruguaia. Na capital argentina, em 1907, empregados de uma firma inglesa detentora de um clube de futebol se revoltam e fundam o hoje famoso “Independiente”, adotando abertamente a cor vermelha no uniforme (BAYER, 1990:28). Nesta cidade, o movimento anarquista também funda seu próprio clube, o “Chacarita Juniors”, em 1906, no interior de uma biblioteca libertária (op.cit., p.24). Ao mesmo tempo em que se multiplicam os campos de futebol em terras ociosas na capital argentina (são 15 ligas independentes e mais de trezentos clubes em 1907)<sup>9</sup>.

Como no caso argentino, com o avançar do processo, os trabalhadores brasileiros passaram a criar seus próprios clubes. Todavia, amiúde demandando apoio aos “patrões”, seja pelo fornecimento de material esportivo, ajuda pecuniária para aluguel de terreno para jogar, quando não a própria cessão provisória deste (ANTUNES, 1994, p. 105). Interessados na publicidade da empresa e na “integração” do trabalhador com esta, os pedidos eram atendidos. E adquirir um terreno livre era também uma forma garantida de especulação imobiliária para a burguesia industrial.

<sup>9</sup> Esta formidável cifra resulta do levantamento minucioso de Frydenberg (1999), em sua pesquisa sobre futebol e espaço urbano na construção da Buenos Aires moderna (1880-1920).

No Rio de Janeiro, merece destaque a atuação da família Guinle, que disputou o controle do setor elétrico desta cidade, representando o “capital nacional” e realizando grandes contratos e articulações (MACDOWALL, 2008, p.175-8). Em 1906, após disputas acirradas, iniciou a construção de uma usina hidrelétrica e pouco depois criou a CBEE, Cia Brasileira de Energia Elétrica, dotada de audaciosa estratégia territorial (OLIVEIRA, 2011). O grande empresário Eduardo Guinle esteve a frente de todo esse movimento. Seu filho, Arnaldo Guinle, foi presidente da entidade máxima da gestão do futebol brasileiro, a CBD, entre 1916 e 1920, bem como do primeiro clube de futebol da cidade, o Fluminense Football Club, sendo responsável pela construção do primeiro estádio de futebol no Brasil.

Poderíamos seguir listando outros exemplos concretos de impulso ao futebol pelo movimento de modernização das cidades brasileiras, mas consideramos, nos limites deste artigo, que mais importante é realçar a natureza simbólica deste processo e a influencia do setor fabril, ao criar um meio técnico-científico propício a intensificação do processo que redefiniu o urbano brasileiro, em diversos aspectos.

## Conclusão

O advento da industrialização promoveu um amplo reordenamento territorial: alavancou a economia, impactou o meio ambiente com grandes usinas e meios de transmissão, gerou novos padrões de consumo na cidade. No âmbito da vida urbana, promoveu o acirramento das desigualdades socioespaciais, o que produziu confrontos e mobilizações sociais. Todo esse amplo processo de modernização não poderia deixar de impactar também o âmbito da cultura e das práticas de entretenimento.

Podemos sugerir uma nova ordem burguesa de aceleração de corpos e espíritos, incentivo à tenacidade, ao trabalho e ao consumo, instaurando um cenário urbano propício à difusão dos esportes. E ao fazê-lo, a cidade moderna serviu não apenas de solo fértil às atividades esportivas, mas sobretudo dotou-as de significados novos e ampliados, recriando, pois, o esporte, reinventando-o, ao ritmo e ao sabor da modernidade urbana. E assim, na transição para o século XX, o movimento de adesão aos esportes e ao lazer ao ar livre vai adquirir força e velocidade inéditas nas principais cidades brasileiras, inserindo-se na perspectiva de retomada dos espaços públicos e liberalização dos costumes: a ascensão da figura do *sportsman*.

O futebol se destacou e se popularizou como nenhuma outra modalidade esportiva nessa onda de adesão social aos esportes, por inúmeras razões. Uma delas está diretamente relacionada à iniciativa do setor industrial, em criar “clubes de fábrica”, visando ao mesmo tempo a propaganda da empresa e a uma maior integração do trabalhador a esta, no intuito inclusive de amenizar as tensões de classe que se acentuaram no período. No conjunto,

as empresas fabris contribuíram de alguma forma na criação de clubes corporativos e no incentivo às competições futebolísticas. E assim, colaborou no processo de transição da cidade colonial para a cidade moderna no Brasil, nos termos que aqui definimos tal transição.

**Referencias**

ABREU, Maurício A. Sobre a Memória das Cidades. *Território*, Rio de Janeiro, LAGET/UFRJ, ano III, num.4, p. 5-26, jan/jun 1998.

ALVES, Eliseu de Mello. *O Futebol em Pelotas*. Pelotas: Livraria Mundial, volume I, 1984.

ANTUNES, Fatima Martin. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, FFLCH-USP. 1994.

BARTH, Gunther. *City People: the rise of modern city culture in nineteenth century America*. Oxford: Oxford University Press, 1980.

BARBOSA, Jorge Luis. Modernização Urbana e Movimento Operário. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ, 1990.

BAYER, Osvaldo. *Fútbol Argentino: pasión y gloria de nuestro deporte más popular*. Buenos Aires: Sudamerica, 1990.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BOAVENTURA, João C. Sociologia Desportiva: o Tailorismo no Futebol. *Futebol em Revista*, Lisboa, Federação Portuguesa de Futebol, ed. Perspectivas e Realidades, s/d.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DAMO, Arley Sander. *Para o que der e vier. O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Gremio de Football Portoalegrense e seus torcedores. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 1998.*

ELIAS, Norbert, DUNNING, Eric. *Quest of excitment: sport and leisure in civiling process*. Oxford: Blackwell, 1985.

FERREIRA, Fernando. Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX. *Lecturas*, N.90, noviembre 2005 (www.efdeportes.com).

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

FRYDENBERG, Julio D. Espacio urbano y practica del fútbol: Buenos Aires 1900 - 1915. *Lecturas:: Educación Física y Deporte* (revista digital), Buenos Aires, 13, año III, marzo/1999.

GRAHAM, Richard. *Britain and the onset of the modernization in Brazil (1850-914)*. Cambridge: David Joslin. 1973.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1870*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. *Mundos do Trabalho*. Novos estudos sobre História operária. São Paulo: Paz e Terra, 1987.



MACDOWALL, Duncan. *Light: a história da empresa que modernizou o Brasil*. Trad. Helena Maria Andrade do Nascimento. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

MARX, Murilo. *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: Nobel/EDUSP, 1991.

MASCARENHAS, G.. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas). Número 23, pp, 17-39, junho de 1999 (c).

\_\_\_\_\_. *A cidade moderna e suas técnicas: uma nova espacialidade do tempo livre*. Anais do encontro da Comissão de Geografia Cultural da União Geográfica Internacional (UGI) (meio digital DC-ROM), Rio de Janeiro, junho de 2003.

\_\_\_\_\_. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MAZZONI, Thomaz. *Futebol Pioneiro e Bandeirante*. In: Octávio FARIA (org.) *O olho na bola*. Rio de Janeiro: Livraria-editora Gol. 1968.

OLIVEIRA, Marcio. *A indústria elétrica no Brasil no início do século XX: a companhia brasileira de energia elétrica e a atuação do grupo Guinle & Cia na produção do urbano e suas redes técnicas*. *Actas do Simpósio Internacional Globalización, Innovación y construcción de redes técnicas em America y Europa, 1890-1930*. Barcelona, Geocrítica, 2011 ([www.ub.edu/geocrit](http://www.ub.edu/geocrit)).

PEREIRA, Leonardo A. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRONI, Marcelo W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 2000.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec. 1993.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Os Meandros dos Rios nos Meandros do Poder*. Tese de doutoramento em Geografia Humana, FFLCH, USP, 1986.

SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, Metrôpoles e Desastinos*, *Revista USP* (Dossiê Futebol), São Paulo, num.22, jun/jul/ago de 1994.

ZANCHETI, Silvio Mendes. *A Cidade e o Estado no Brasil colonial: colocações para um debate*. *Espaço & Debates*, São Paulo, 1987.